

Universidade de São Paulo  
Escola de Comunicações e Artes  
Departamento de Jornalismo e Editoração

Beatriz Gimenes Sardinha

# **Mundano**

Trabalho de Conclusão de Curso

São Paulo, 2024

Trabalho de Conclusão de Curso de graduação em formato de fotorreportagem, apresentado para a obtenção do título de bacharel em Jornalismo da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo.

Orientador: Prof. Dr. Wagner Souza e Silva

## **Sumário**

1. Agradecimentos.....	3
2. Ficha Técnica.....	4
3. Resumo.....	5
4. Justificativa e Referencial Teórico.....	7
5. Memorial Descritivo.....	8
5.1 Escolha da pauta, enfoque e formato	
5.2 Processo	
5.3 Estruturação do livro	
5.4 Título e aquilo que se espera	
6. Considerações Finais.....	14
7. Bibliografia.....	15

## **Agradecimentos**

De longe, a parte mais desafiadora do trabalho até aqui, vamos lá:

Aos meus pais, por terem me dado livros.

À minha irmã Thaís, por me entender e me amar, além de dar graça à minha vida.

Ao meu primo Caio, com quem compartilho sonhos e paixões que nem todos sentem e podem ter.

Ao meu avô Marcos, que no convívio muitas vezes silencioso, me ensinou a observar o mundo e a criar coisas das quais se deve ter orgulho.

Ao Cursinho Popular Clarice Lispector e seus alunos dispostos a frequentar o plantão de dúvidas no horário de almoço, por terem mudado radicalmente minha trajetória acadêmica e de vida. Além de terem me reaproximado dos livros e de mim mesma e terem me dado coragem em um momento tão difícil.

Ao esporte, por ter dado algumas das maiores alegrias na graduação: pela parceria insuperável com o Lucas no Arquibancada; pelas risadas com Catarina, Mavi e Jonas na redação do UOL e por toda a emoção que vivi dentro do esporte universitário.

O BF (Basquete Fera) foi muito mais do que uma responsabilidade de DM, mas um lugar que encontrei pessoas como Ana, Dani, Pam e Emi, que sinto muito orgulho e que tenho o privilégio de acompanhar, agora também fora de quadra. Também queria agradecer o Pinguoca, que mesmo sendo uma entidade que participei tardiamente na graduação, me deu uma das maiores emoções que já vivi, ao lado da Lari.

À BaterECA, entidade que faz parte do meu dia a dia desde que ingressei na ECA. Obrigada por ter me aproximado de tanta gente e de tantos mundos. Devo muito à batereca por ter me feito encontrar a Nalau, a Magali, o César, o Guigah, o André, o Dário, o Lucas, o Anderson, a Laís, a Nabi, o Rafa, o Ian e agora a Nabu.

Obrigada, Bias, Jaque, Thiago, Sofia, Emo, Aline, Luísa, Sarah, Cami, Mari, Kau, Lívia por todo o companheirismo e pelas risadas e pelos ‘surto’ nos anos de graduação. Queria agradecer ao Dani, por todo o bom humor e inspiração na hora em que começo a escrever um texto que cativa o leitor

Noesi, Isa e Mara, nossa foto que está na minha geladeira, que foi tirada no aniversário da Isa do ano passado me lembra diariamente de tudo que ganhei por ter vocês comigo nesses últimos anos, e o quanto mudamos pra algo que parecemos estar mais felizes hoje. Obrigada por toda a paciência.

E não poderia deixar de agradecer à Malu, minha companheira de tantos momentos, que acredita em mim, e me ouviu falar incessantemente sobre esse trabalho.

## **Ficha Técnica**

Título: Mundano.

Número de páginas: 108.

Dimensões: 22,3 cm x 15,5 cm

Tipografia: Nexus Typewriter Pro e IBM Plex Serif

Capa: papel cartão supremo 300 mg

Miolo: papel couche fosco 150 mg

Orelhas : 13 cm

Fotografia: Beatriz Gimenes Sardinha.

Execução, edição e diagramação: Beatriz Gimenes Sardinha

Brasil, 2024.

## **Resumo**

Mundano é uma fotorreportagem em nível experimental que documenta o cotidiano de habitações e prédios ditos de “interesse social” no Brasil. Observa-se que ensaios fotográficos sobre arquitetura são objetos de estudo pouco explorados dentro do campo da comunicação e, mais especificamente, do jornalismo.

No decorrer do segundo semestre, entre os meses de setembro e novembro, realizou-se o total de 14 visitas nas seguintes localidades: Edifício Anchieta, Riviera Bar, Conjunto Habitacional Prefeito Mendes de Moraes (Pedregulho), Conjunto Residencial Heliópolis (Redondinhos) e Conjunto Heliópolis Gleba G (Gleba G).

Além das 100 fotografias selecionadas para a versão final do fotolivro, entrevistas e consultas bibliográficas possibilitaram uma reconstituição mais ampla do cenário da política habitacional no Brasil. A partir delas, foi possível fornecer mais ferramentas para a produção e uma montagem mais imersiva e coesa com as fotografias produzidas.

O livro tem como objetivo trabalhar os imaginários e possibilidades da fotografia como ferramenta mediadora da memória a partir de um ensaio fotográfico que coloque esses locais, seus moradores e pedestres como protagonistas de um imaginário pouco registrado.

**Palavras-chave:** Arquitetura; Fotografia; Fotorreportagem; conjuntos habitacionais

## **Abstract**

Mundano is an experimental photo-reportage that documents daily life in housing units and buildings considered as "social interest" in Brazil. It is observed that photographic essays on architecture are still an underexplored subject within the field of communication and, more specifically, journalism.

During the second semester of 2024, between September and November, a total of 14 visits were made to the following locations: Edifício Anchieta, Riviera Bar, Conjunto Habitacional Prefeito Mendes de Moraes (Pedregulho), Conjunto Residencial Heliópolis (Redondinhos), and Conjunto Heliópolis Gleba G (Gleba G).

In addition to the 100 photographs selected for the final version of the photobook, interviews and bibliographic consultations facilitated a broader reconstruction of the housing policy landscape in Brazil. These also provided additional tools for producing and assembling a more immersive and cohesive narrative with the photographs taken.

The aim of the book is to explore the imaginaries and possibilities of photography as a tool for mediating memory, through a photographic essay that positions these locations, their inhabitants, and passersby as protagonists of a rarely documented narrative.

**Keywords:** Architecture; Photography; Photo-reportage; Housing complexes

## Justificativa e Referencial Teórico

Ao longo da pesquisa bibliográfica do trabalho, percebeu-se a permanência da relevância da escola de arquitetura modernista brasileira, estilo fortemente influenciado pela escola alemã Bauhaus. O modernismo brasileiro foi adaptado para características brasileiras, que se destacam nas longas fachadas, que permitem a entrada de luz natural para os ambientes internos dos apartamentos.

Para o fotolivro, foram escolhidas 4 habitações de interesse social, sendo 3 delas conjuntos habitacionais e uma delas um edifício residencial. Ou seja, são projetos historicamente marcados pelo seu relevante papel de moradia de caráter popular, servindo de moradias para trabalhadores de fábricas e, no caso dos projetos mais recentes, construções que se qualificam como habitações de interesse social. O Governo Federal traz a seguinte definição de Habitação de interesse social:

Habitação de interesse social é aquela com a finalidade de promover o direito à moradia a famílias residentes em áreas urbanas com renda mensal de até R\$ 7.000,00 (sete mil reais) e a famílias residentes em áreas rurais com renda anual de até R\$ 84.000,00 (oitenta e quatro mil reais), associado ao desenvolvimento econômico, à geração de trabalho e de renda e à elevação dos padrões de habitabilidade e de qualidade de vida da população urbana e rural. Em junho de 2002, foi criado pela Lei n. 11.124 o Sistema Nacional de Habitação de Interesse Social (SNHIS), com objetivo de implementar políticas e programas que promovam o acesso à moradia digna para a população de baixa renda.<sup>1</sup>

A partir disso, o trabalho aparece com a intenção de reforçar a existência material, granular e poeirada da memória desses lugares. Por se tratarem de visitas feitas a lugares nunca antes visitados, procedimento possibilitou descobertas gradativas a cada visita realizada.

A opção de um fotolivro está no objetivo de olhar além das plantas e explicações tipológicas de cada uma das localidades, e de construir um ensaio fotográfico mais robusto e capaz de contar uma história.

A escolha pela fotorreportagem veio também como forma de argumentar a favor da justificativa e do argumento defendido pelo trabalho. O principal objetivo da obra foi trazer, de forma coesa, uma investigação do valor arquitetônico presente em construções de

---

<sup>1</sup><https://www.gov.br/cidades/pt-br/aceso-a-informacao/perguntas-frequentes/desenvolvimento-regional/reabilitacao-de-areas-urbanas/8-o-que-e-habitacao>. Último acesso: 13 de outubro de 2024.

interesse social do início do século XX, com o de construções realizadas no final do século XX e início do século XXI.

Alguns autores tiveram ideias bastante inspiradoras dentro da concepção do livro, como Eliane Brum, que trabalha em suas obras a ideia do Brasil como fabricante de ruínas, por conta de um costume de não valorizar sua memória. Michel Foucault com a obra *Arqueologia do saber*, permeou diversos momentos da minha trajetória na graduação e também está presente na forma como o livro foi metodologicamente pensado, escavando locais com a intenção de coletar novas informações, sem necessariamente haver uma preocupação cronológica.

Outra obra bastante inspiradora no decorrer do processo de Mundano é o clássico *Cidades invisíveis*, de Italo Calvino, publicado no Brasil pela Companhia das Letras, por sua capacidade de, enquanto um turista da paisagem, captar aquilo que cada cidade tem de mais interessante e singular.

## **5. Memorial Descritivo**

### **5.1 Escolha da pauta, enfoque e formato**

A arquitetura e, principalmente, o urbanismo, sempre foram temas que permearam outras áreas de interesse, desde a escola, através das aulas de geografia urbana. Na faculdade, a partir da fotografia, a arquitetura passou a ser um objeto de interesse e fascínio, pela imponência que ocupa não somente nas lentes, mas nos olhos atentos.

Quando decidi que o projeto trataria sobre arquitetura, pouco tempo depois acabei entrando em contato com a história da arquitetura modernista brasileira. E, a partir de leituras gerais e de conversas com especialistas, foi feito um recorte de que o livro trataria de habitações consideradas “de interesse social” e que fossem projetos arquitetonicamente relevantes.

Na escolha dos edifícios, optou-se por selecionar dois mais novos, no caso o Redondinhos e o Gleba G, e contrapor com as experiências de casos de habitações mais antigas, como é o caso dos projetos do Edifício Anchieta, e do Pedregulho.

Para isso, me pareceu lógico usar a fotografia e suas possibilidades infinitas para reproduzir um olhar sensível sobre moradias comumente vistas de forma estigmatizada. A filósofa e pós-doutora em Filosofia da Imagem, Ana Taís Martins Portanova Barros coloca sob interessante perspectiva a relação entre fotografia e memória:

Embora a fotografia possa ter um importante papel na conservação de certas informações que acabarão por integrar a memória, essa mesma memória é, talvez, tão devedora da imaginação produtora, aquela que cria mundos, quanto da imaginação

reprodutora, aquela que reapresenta os dados da percepção. A imaginação produtora trabalha em prol de um devir porque o desejo só se define em função do que ainda não é. O que se acredita ter visto no mundo e o que se deseja ver no mundo estão em simbiose na fotografia a tal ponto que se poderia falar de uma projeção do passado tanto quanto de uma memória do futuro. (MARTINS PORTANOVA BARROS, 2017, p. 155)

A partir do que a autora traz em seu artigo para a revista *Matrizes*, pensa-se que trabalhar com o fotolivro auxilia na formação de um prisma que consiga articular memórias e projetos de um passado, com as vivências do presente e o futuro daqueles que habitam esses espaços.

## 5.2 Processo

O processo de produção e edição do fotolivro pode ser resumido em “ruminante”. Essa é uma palavra bastante interessante para definir o processo do projeto, não apenas pelo longo tempo decorrido, que durou mais do que os seis meses deste segundo semestre em 2024, a partir da disciplina Trabalho de Conclusão de Curso II, mas de exigir um contínuo processo de autoanálise e reflexão.

Afirmo isso pela constante necessidade de revisitar os mesmos passos durante o processo e, com isso, rever não somente as fotografias, mas de pensar e repensar a maneira como estavam dispostas, sua ordem e lógica dentro da composição do livro como um todo.

A parte mais desafiadora foi, sem dúvidas, entender as limitações dentro do processo de produção e de edição do livro. Por todos esses processos terem ficado concentrados numa única pessoa, os únicos prazos eram os meus, o que por um lado pode ser visto de forma positiva, a partir do momento em que as possibilidades criativas aumentam significativamente. Mas, ao mesmo tempo, a linha do limite daquilo que se torna executável ou não torna-se turva, e exige maior autocontrole.

Por se tratar de uma primeira experiência produzindo um fotolivro, a falta de conhecimentos prévios ocasionou situações de bastante aprendizado fotográfico, técnico e pessoal — e outras que exigiram bastante paciência, pela obrigatoriedade de arcar com adversidades individualmente.

Até mesmo por conta do trabalho solitário, o resultado é tão pessoalmente gratificante, por ser visível o quanto do que pude me desenvolver como fotógrafa e editora está aparente no livro.

Algo bastante interessante do formato escolhido – mas que admito que não corresponde a qualquer perfil – é que este escopo de trabalho exige bastante deslocamento por parte do repórter, e um trabalho jornalístico que, obrigatoriamente, demanda fisicamente de seu repórter. E é um tipo de desgaste e de locomoção que, não necessariamente rende frutos de forma proporcional ao esforço empregado pelo repórter.

Culpo a imprevisibilidade da fotografia por isso. Um exemplo bem prático foram as quatro visitas iniciais ao Riviera Bar, que não renderam alguma foto, porque não pude entrar e nem conversar com funcionários para entrevistas. Foi apenas na quinta vez, após um total aproximado de oito horas de

transporte público que, no decorrer de uma visita de uma hora e meia, todas as fotos utilizadas no livro foram produzidas.

Para a produção das fotos, utilizou-se uma câmera DSLR Canon SL2, uma lente 18-55 mm, uma lente 55-250 mm e um tripé de apoio, fornecido pelo orientador Prof. Dr. Wagner Souza e Silva.

Para a realização do livro, foram realizadas 14 saídas para tirar foto, 9 entrevistas e foram produzidas mais de 6000 fotografias, das quais 102 foram selecionadas para a versão final do livro.

### **5.2.1 A experiência fotográfica e a relação com as imagens**

A minha relação com a maioria das localidades do trabalho foram inéditas. Os únicos locais que já tinha um mínimo contato eram o edifício Anchieta, pela quantidade de vezes de passar por perto, de transporte público ou a pé. E o bar Riviera, que já tinha ido em outras duas oportunidades mas, ainda assim, quando estive lá dentro, meu foco não era o ambiente, por mais que fosse impossível ignorar a beleza das luzes e das decorações do bar.

Acredito que desde o início minha vontade era a de me colocar como uma observadora calada, como se a minha capacidade de me manter em silêncio e de passar despercebida possibilitasse que mais acontecimentos espontâneos ocorressem na minha frente. Tentava ir a cada um dos locais com expectativas baixas. No decorrer da minha vivência na graduação de jornalismo, não foi sempre que fui recebida de forma amistosa.

Agora, além disso, carregava comigo uma câmera e, em algumas saídas, um tripé. A presença desses equipamentos me colocava com frequência em uma posição que dificultava a minha vontade de passar despercebida. Era possível observar também esse receio – e olhares – dos moradores. Alguns espiavam a câmera e sentiam receio, me perguntando o que estava fazendo ali. E outros demonstravam preocupação com a minha segurança física, afirmando que deveria tomar cuidado, porque muita gente passava por ali durante o dia.

No decorrer do processo, o professor Wágner me orientou a me esforçar para colocar mais pessoas nas fotografias. E acho que, nesse sentido, as fotos foram muito transformadoras pra mim. Porque, nessas idas, tornou-se fascinante o exercício de enxergar a vida no espaço. E não somente de captar imagens de pessoas indo ou voltando do trabalho, de crianças brincando, de jovens contemplando a paisagem, de pessoas se encontrando para um café. Mas também a vida presente nos objetos.

Durante minha entrevista com o Arthur Katchborian, questionei ele sobre qual era a opinião dele sobre as intervenções que moradores fazem nos conjuntos habitacionais, dado que algumas dessas intervenções podem ser vistas como ações que descaracterizam alguma função do edifício ou até mesmo podem ser taxadas de vandalismo.

A resposta dele foi que aqueles moradores, que ocupavam aquele espaço, transformaram ele. Essa primeira conversa com ele foi primordial para ditar o ritmo das imagens que produzi no restante do trabalho. Penso que, a partir da visão do arquiteto, passei a querer capturar momentos ao mesmo tempo ordinários (ou mundanos), mas que ao mesmo tempo trouxessem elementos únicos de cada um dos conjuntos.

### **5.3 Estruturação do livro**

O livro foi dividido em cinco capítulos. Ainda que cada capítulo trate de uma localidade diferente, com fotografias tiradas em horários e dias diferentes, o objetivo da obra foi de tentar encontrar pontos de conexão entre os edifícios. Ao todo, foram 14 saídas para tirar fotos, entre os meses de julho e novembro de 2024. Os horários das saídas foram variados e fortemente impactados pela situação climática do segundo semestre da cidade de São Paulo.

No caso do edifício Pedregulho, foi realizada uma viagem ao Rio de Janeiro entre 18 e 23 de setembro, o que possibilitou três visitas, realizadas em dois dias diferentes ao conjunto, além da coleta do depoimento de três pessoas que integram a associação de moradores e o quadro de funcionários do Pedregulho.

No quesito editorial, as fotos foram editadas de formas semelhantes, com retirada acentuada da saturação das fotos. Com isso, a ideia é dar um ar envelhecido às fotografias e ‘memorialesco’ aos registros.

#### **5.3.1 Anchieta**

O edifício Anchieta foi projetado em 1941 pelo escritório MMM Roberto, relevante no cenário da arquitetura moderna nacional, encabeçado pelos irmãos Roberto. O edifício foi o segundo inaugurado na Avenida Paulista, no ano de 1942, ainda no início do processo de verticalização da cidade de São Paulo.

Ele é o único dos edifícios escolhidos em Mundano que não é um conjunto habitacional. Mas ainda é classificado como uma habitação de interesse social, por ter sido destinado como moradia de funcionários industriais de alto escalão da cidade de São Paulo. Ele é tombado a nível estadual.

O edifício Anchieta foi o que tive menos contato durante todo o processo, ainda que tenha ido cinco vezes até o local. Usei ele como exemplo negativo no livro, de um projeto que perde muito de suas características originais no decorrer do tempo, perdendo sua urbanidade.

#### **5.3.2 Riviera Bar**

O Riviera Bar é um dos símbolos da cultura boêmia da cidade e já teve três inaugurações, que marcam três períodos de “assinaturas” diferentes do estabelecimento. Desde sua segunda reabertura, em 2022, o bar tem como grande mote promover uma mistura entre o Riviera dos anos 1970 e 1980, que era ponto de encontro para intelectuais e artistas da capital, e também um ar modernizado, que atraia um público amplo.

O bar funciona 24h e, de acordo com Bruna, gerente de operações do Riviera, esse é um dos grandes atrativos que o bar gosta de usar em sua publicidade. Segundo ela, a ideia é transmitir que o Riviera simule a energia de São Paulo enquanto uma “metrópole que não para”.

Assim como o Anchieta, o processo com o Riviera foi um pouco mais demorado. Depois de quatro idas até o local, foi possível entrevistar a gerente de operações do bar. Minhas experiências ao longo do trabalho fizeram com que eu começasse a valorizar muito o local de cada indivíduo enquanto contador de histórias e de memórias.

Isso porque, não basta que o Riviera exista e permaneça aberto, foi preciso encontrar pessoas que estivessem dispostas a me contarem mais sobre suas vivências e compartilhar dados que eu não teria acesso, se não fosse por esses mediadores, e que enriquecem o livro como um todo.

### **5.3.3 Gleba G**

O Gleba G é o mais novo dentre os selecionados de Mundano, e a segunda etapa do projeto foi finalizada em 2023. Ele recebe esse nome popular por estar localizado na Gleba G do bairro de Heliópolis, na Zona Oeste de São Paulo, local onde se encontra a maior favela da cidade. Ele foi projetado em 2011, numa área que continha um alojamento provisório.

Um dos destaques de seu projeto arquitetônico foi a solução encontrada pelos arquitetos Mario Biselli e Artur Katchborian para lidar com o terreno inclinado em que o conjunto está localizado. Como forma de contornar o terreno acidentado da região, o térreo do edifício foi localizado no meio da estrutura do prédio.

Dessa forma, foi possível projetar mais unidades numa mesma torre, sem a necessidade de implantação de elevadores, que encarecem bastante os projetos. Outra característica marcante do Gleba G são as várias estruturas metálicas presentes nas grades e nas passarelas que cruzam as torres do conjunto.

A primeira visita ao Gleba G rendeu boas fotografias de longe, que dão dimensão do tamanho e da parte exterior dos prédios. Daí, numa segunda ida ao G, foi possível explorar outros ângulos, já que um morador me deu passagem e me deixou entrar junto com ele. Me esqueci de perguntar seu nome, mas uso este espaço para agradecê-lo por acidentalmente melhorar consideravelmente as fotos do conjunto.

### **5.3.4 Redondinhos**

Assim como o Gleba G, o Redondinhos também está localizado no bairro de Heliópolis, na capital paulista. O projeto foi assinado pelo arquiteto Ruy Ohtake que foi inclusive, um pedido feito pelos moradores da região. Em entrevistas, o próprio Ruy relata as participações em diversas reuniões com lideranças da comunidade, e que pediram que ele estivesse envolvido no projeto, do contrário, não permitiriam que a obra fosse feita.

Os edifícios têm cinco andares, sendo o térreo ocupado por apenas dois apartamentos (prioritários aos que têm dificuldade de locomoção), o restante do térreo é

coberto para a convivência das crianças. Esses dois apartamentos no térreo poderão facilitar o acesso aos moradores com dificuldade de locomoção.<sup>2</sup>

Foi feita apenas uma grande visita nos Redondinhos. Nela, percorri o perímetro dos prédios do conjunto pelo lado de fora. Em um certo momento, Luiz Gustavo, morador de um dos blocos, estava retornando do trabalho e me abordou, perguntando se gostaria de entrar junto com ele para tirar fotos.

Andei junto com ele e atravessei pelo lado de dentro, tirando algumas fotos. Julguei não ser necessário retornar ao local. As condições daquele dia renderam excelentes resultados.

### **5.3.5 Pedregulho**

Apelidado de Pedregulho, ou de Minhocão, o conjunto carioca se destaca bastante na paisagem da Zona Norte do Rio de Janeiro. Localizado no pé do morro do Tuiuti, o conjunto projetado por Affonso Eduardo Reidy é, sem dúvidas, um dos mais celebrados e arquitetonicamente cultuados edifícios brasileiros.

Dotado de uma plasticidade visual, ele aparece como cenário de filmes, como *Central do Brasil* (2002), além da escola e da unidade de saúde que pertencem ao conjunto terem em sua constituição murais de Portinari.

Para produzir as fotografias do Pedregulho, realizei uma viagem de seis dias até o Rio de Janeiro. Nesse intervalo de tempo, foi possível fazer três visitas ao conjunto, além de três entrevistas, com o presidente da associação de moradores e membro do órgão há 22 anos, Sérgio. Com Marize, que habita o prédio há mais de 30 anos e com André, zelador de um dos blocos do Pedregulho.

### **5.4 Título do livro e aquilo que se espera**

O título do livro veio do esforço de combinar a definição do adjetivo mundano, vinda do dicionário, com a ideia da fotografia enquanto mediadora da subjetividade com o mundo material, que se encontra presente no mundo

E, para além disso, de trabalhar a imagem estereotipada por trás do que se espera de uma moradia popular no Brasil — e do imaginário sobre aqueles que habitam esses locais.

---

<sup>2</sup> <https://ohtake.com.br/arquitetura/condominio-residencial-heliopolis/>

## **Considerações Finais**

Mundano é constituído por uma fotorreportagem experimental que busca cavar mais detalhes do cotidiano da vida nessas habitações e que parte da vontade de construir um mosaico de um lugar presente nas memórias de gerações que habitam esses locais e que, por meio da fotografia, são expressas no mundo material.

A experiência de montar um conjunto de fotos e conseguir enxergar um resultado coeso é bastante significativa. Através das dezenas de saídas, milhares de fotos e outras dezenas de conversas, foi possível amadurecer o conteúdo e chegar a um resultado capaz de mostrar um olhar impactado por esses locais.

Dessa forma, pessoalmente enquanto pessoa colocada na função de autora, esses edifícios deixaram de ser unicamente objetos da pesquisa, mas locais que me instigaram a, de alguma forma, também fazer parte de sua história, mesmo que muito brevemente, quando se coloca em perspectiva as gerações de pessoas que ocuparam e ocupam esses espaços.

E ter pessoas dispostas a contar uma história torna-se mais importante do que a própria existência de algo para se contar.

## Bibliografia

BENEDETTI, C. R. **Habitação Coletiva Econômica: o caso de Heliópolis na cidade de São Paulo**. Disponível em:

<[https://oasisbr.ibict.br/vufind/Record/BRCRIS\\_4de20cf96c2841db445f45111ee941](https://oasisbr.ibict.br/vufind/Record/BRCRIS_4de20cf96c2841db445f45111ee941)>.

Acesso em: 19 nov. 2024.

BRACCHI, Daniela , **Artigos : Caminhos metodológicos para a análise semiótica de fotolivros**, BDLF, disponível em: <<https://livrosdefotografia.org/artigos/@id/29363>>. acesso

em: 15 nov. 2024.

CALVINO, Italo. *As cidades invisíveis*. Companhia das Letras, 1990. 1ª edição.

CLIMÉRIO, F. et al. *Política Habitacional: análise da evolução histórica da questão habitacional no Brasil nos períodos 1930 a 2009*. [s.l: s.n.]. Disponível em:

<<https://euacademic.org/UploadArticle/5078.pdf>>. Acesso em: 19 nov. 2024.

DOMICIANO, R. *Edifício Anchieta: formalizando memórias e patrimonializando a arquitetura moderna*. *Cadernos de Pesquisa*, n. 7, p. 57–69, 2019.

FIUZA, Beatriz Cunha; PARENTE, Cristiana. *O conceito de ensaio fotográfico. Discursos Fotográficos*, Londrina, v.4, n.4, p.161-176, 2008.

FORLÉO, Carolina, **Entre silêncio e diálogo: uma reflexão sobre interações de textos e imagens em fotolivros 1**, 2023.

FREEMAN, Michael. *The photographer's eye: composition and design for better digital photos*. Ilex. 2007.

LORES, Raul Juste. *São Paulo nas alturas*. Companhia das Letras. 2024

MARTINS PORTANOVA BARROS, Ana Taís, **Vista do Imagens do passado e do futuro**, 2017. [Revistas.usp.br](https://www.revistas.usp.br), disponível em:

<<https://www.revistas.usp.br/matriz/article/view/122953/127920>>. Acesso em: 02 nov.

2024.

NASCIMENTO, F. B. DO. A restauração do Conjunto Residencial do Pedregulho: trajetória da arquitetura moderna e o desafio contemporâneo. **Revista CPC**, n. 22, p. 138, 20 abr. 2017.

Prédios de São Paulo. Gaps editora. 2015

Os pioneiros da habitação social - Vol. 1: Cem anos de política pública no Brasil. [S. l.: s. n.], 2014.

Os pioneiros da habitação social - Vol. 2: Inventário da produção pública no Brasil entre 1930 e 1964. [S. l.: s. n.], 2014.

Os pioneiros da habitação social - Vol. 3: Onze propostas de morar para o Brasil moderno. [S. l.: s. n.], 2014.

SANJAR MAZZILLI, Bruna, O fotolivro como espaço de complexidade e potência para a fotografia documental, São Paulo, 2020.

SPINDLER, R. O conjunto pedregulho e algumas relações compositivas\*. **Cadernos de Arquitetura e Urbanismo**, v. 12, n. 13, p. 77–93, 2019.

TURAZZI, M. I. Paisagem construída: fotografia e memória dos “melhoramentos urbanos” na cidade do Rio de Janeiro. *Varia Historia*, v. 22, n. 35, p. 64–78, jun. 2006.

VÁRIOS AUTORES. **22 Rivas: A história do icônico bar paulistano, contada por seus clientes, seu antigo proprietário e seu mais famoso garçom**. Publicação independente.

<https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/habitacao/noticias/?p=364485>. Último acesso: 13 de junho de 2024.

<https://www.gov.br/cidades/pt-br/aceso-a-informacao/perguntas-frequentes/desenvolvimento-regional/reabilitacao-de-areas-urbanas/8-o-que-e-habitacao>. Último acesso: 13 de outubro de 2024.



MUNDANO

# MUNDANO

Beatriz Sardinha

Mundano enquanto aquilo que está  
inserido materialmente no mundo •

Beatriz Sardinha





# Mundano

Beatriz Sardinha

São Paulo, 2024

## APRESENTAÇÃO

Este livro é resultado do trabalho de conclusão de curso para o bacharelado de Comunicação social, com habilitação social em jornalismo. E tem como pretensão apenas trazer à tona a relevância da fotografia como mediadora material da memória.

As fotografias que compõem o livro foram produzidas no decorrer de visitas aos edifícios Anchieta, Redondinhos, Gleba G e Pedregulho, entre os meses de julho e novembro de 2024.

Abrindo o livro, o edifício Anchieta, que carrega consigo um dos ícones da cultura boêmia de São Paulo, o Riviera. O edifício encontra-se em uma importante localização na cidade de São Paulo, entre a avenida Paulista e a rua da Consolação.

Em seguida, o Redondinhos e o Gleba G, que estão localizados no bairro de Heliópolis, na zona sudoeste de São Paulo e se destacam por suas conformações e soluções inusitadas.

Por último, o edifício Pedregulho, em São Cristóvão, no Rio de Janeiro, consagrado na história da arquitetura moderna no Brasil e seu projeto desenvolvimentista.

Cada um dos projetos se destaca para além de suas variadas tipologias, e também têm sua dimensão artística e estética bastante reconhecida.

Tais projetos têm assinaturas de estrelas da história da arquitetura brasileira, destacadamente para a escola modernista.

## BNH abre créditos para obras na Capital

Reportagem Local

O presidente do BNH, Nélson da Matta, prometeu ontem ao município de São Paulo financiamento para a conclusão de onze projetos do setor habitacional executados pela Cohab - Companhia Metropolitana de Habitação que envolvem 12.592 moradias e aprovou a abertura de três novos financiamentos para obras de drenagem de córregos e fundo de vale com recursos da ordem de quatro milhões de UPs. Segundo o prefeito Mário Covas, que se reuniu com Nélson da Matta na sede central do banco, no Rio, este é o maior volume de investimentos do BNH em São Paulo, em sua gestão.

Hoje, a partir das 10 horas, um grupo de trabalho formado por técnicos da delegacia regional do banco e representantes da Secretaria de Finanças, da Habitação e de Vias Públicas, reúne-se na sede paulista do órgão para detalhar os projetos.

Nesse setor, parte dos recursos virá para a Cohab como reembolso por projetos já executados, como o Sítio das Franças e a Gleba dos Pêssegos, e por outros em andamento, como Vila Nova Cachoeirinha, Parque Fernanda e Favela Fim de Semana. Nesses casos, os projetos foram financiados pela empresa com recursos próprios. Segundo Mário Covas a importância da entrada dessa verba é a garantia de continuidade das operações da Cohab.

Entre as obras a serem implementadas nessa área, somam-se 9.180 apartamentos, 2.762 lotes urbanizados, 510 casas e 132 embriões, além do Projeto Heliópolis com início previsto para março de 85 e investimentos calculados pela Cohab em 80 mil UPs. Em relação aos córregos de fundo de vale, as obras contempladas serão os córregos Moinho Velho, Capão do Embira, Rincão e rio Tamanduatê, a serem complementados. Para os córregos Pirajussara, Moóca e Tiquatira estão previstas pavimentações parciais e obras complementares.

Imagem de arquivo do Riviera Bar



Acervo Folha de São Paulo 14 de outubro de 1984 página 19

Acervo Folha de São Paulo 1º de junho de 2021 página 40

Pavilhão brasileiro em Veneza apresenta legado modernista e uso contemporâneo

Michele Oliveira

VENEZA Quando, na década de 1980, o arquiteto Lúcio Costa revisitou a rodoviária de Brasília, quase 30 anos depois de sua inauguração, ficou surpreso com as cenas que viu ali. "É bem diferente do que eu tinha imaginado para esse centro urbano, algo refinado, cosmopolita. Mas não é assim que está, ela foi tomada por esses brasileiros de verdade. Eu fico orgulhoso, satisfeito. Eles estão certos, eu estava errado", disse o arquiteto.

A frase pode ser lida nos painéis de "Utopias da Vida Comum", exposição que ocupa o pavilhão brasileiro da Bienal de Arquitetura de Veneza.

Por meio de fotografias e vídeos, a curadoria do espaço, do estúdio Arquitetos Associados, partiu de conceitos de utopia, pesquisa que já estava em andamento, para refletir sobre "como viveremos juntos".

Na primeira sala, "Futuros do Passado", marcos da arquitetura moderna do Brasil aparecem com seus usos atuais, contemporâneos, a despeito

de como foram concebidos.

O fotógrafo Gustavo Minas exibe o vaivém da Plataforma Rodoviária de Brasília, de 1927, com fotos de 2015. Já Luiza Baldan revela, em imagens de 2000, moradores do conjunto residencial Prefeito Mendonça Moraes, na zona norte do Rio de Janeiro. Conhecido como Pedregulho, o edifício sísmico de Afonso Eduardo Reidy, de 1947, foi pensado para funcionar em públicos e, ao longo do tempo, passou por momentos de degradação e recuperação.

Ele se apresenta como exemplo muito interessante para o morar coletivo. Os espaços de circulação são ocupados pelos moradores quase como extensões de suas casas. E também o pilotis, em tese um espaço livre, serve desde estacionamento até lugar para as crianças brincarem", diz o arquiteto Carlos Alberto Maciel, do estúdio AA.

Na primeira sala, "Futuros do Passado", marcos da arquitetura moderna do Brasil aparecem com seus usos atuais, contemporâneos, a despeito

de como foram concebidos. Os curadores afirmam

que, ao reapresentarem essas obras conhecidas da arquitetura brasileira, não

querem um olhar nostálgico. As obras, especialmente comissionadas pela Bienal de São Paulo, responsáveis pelas mostras brasileiras no evento, partem também de cenas contemporâneas, mas, dessa vez, com a intenção de sugerir que o "viver juntos" nem sempre requer novas construções, técnicas, materiais ou formas mirabolantes.

No vídeo de Amir Admoni, cenas dos rios paulistanos fazem referência à pesquisa do grupo Métropole Fluvial, da Universidade de São Paulo, que estuda a viabilização dos rios para transporte.

Mais adiante, Aliano Bionefica, Cris Araújo e Edinho Vieira trazem cenas da ocupação Carolina Maria de Jesus, em Belo Horizonte. Os moradores são retratados em atividades corriqueiras, com vizinhos ou na organização do movimento de moradia.

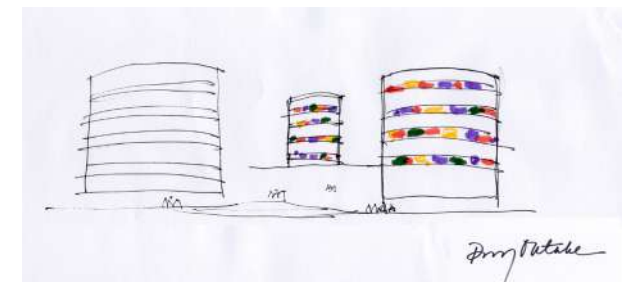


### Obras projetadas por Ruy Ohtake alteram a paisagem de Heliópolis; veja vídeo

GABRIELA LONGMAN DE SÃO PAULO

Reprodução Folha de São Paulo 15 de agosto de 2010

Rascunhos do Redondinhos, cedidos pelo escritório Ohtake



### Documentário resgata obra de Reidy, arquiteto que deu ar moderno ao Rio

Luiz Fernando Janot, ex-presidente do IAB: "Ele tem uma obra fantástica"



Acervo O Globo 3 de setembro de 2006 página 31

# Fotografia entre materialidade e memória

Fotos granuladas não apenas por conta da entrada da luz, mas granulada pelo tempo. A fotografia funciona como intermediária entre a memória imaterial e subjetiva, e a memória material, da tinta impressa no papel.

O humano, o direito à moradia e a urbanidade são conceitos que precisam dialogar para que uma moradia seja digna, e não uma “moradia social”, indo contra o imaginário de que moradia destinada à população pobre deva ser mais barata e menos elaborada arquitetonicamente

Faz-se necessário dialogar com o entorno, de uma construção de sentido para a comunidade. Nesses edifícios, há famílias que têm um relacionamento intergeracional com o projeto. O registro fotográfico aparece como uma forma de materialização da memória e da vida nesses locais e vai contra o estereótipo pejorativo da moradia social, e que permite uma aproximação da arte, da vida cotidiana material.

Outra grande discussão que surge é a da articulação entre a gramática do arquiteto, que perdura ou que se perde, pelas marcas do tempo, do abandono, das trocas de gestão e das intervenções da arte. E como lidar com o fenômeno da vizinhança e a vivência adjacente à vida de estranhos e os contínuos desafios da vida de condomínio e preservação de patrimônio.

Vidas de gerações contidas no espaço habitacional, em que subjetividades são fabricadas e mantidas. E a fotografia é capaz de articular a reprodução de imaginários coletivos.

Esses imaginários seguem regras, discursos e hierarquias sociais e econômicas. Este projeto responde ao interesse de materializar vivências e olhares desses edifícios e locais.

## Década 1930

Moradia passa a ser vista como responsabilidade do Estado no Brasil

1945

Menos de 1% da população paulistana morava em apartamentos

1946

Fundação Casa Popular

1964

Golpe Militar e Início do período da Ditadura no Brasil (1964-1985)

1929

Crise financeira

1943

Lei do Inquilinato durante o governo de Getúlio Vargas

Considerado o primeiro órgão, à nível nacional, voltado exclusivamente à moradias destinadas às populações de baixa renda

Criação do Sistema Financeiro de Habitação (SFH) e do Banco Nacional de Habitação (BNH)

1968

Inauguração MASP

1985

Fim da Ditadura Militar

1986

Extinção do BNH em meio ao contexto de crise econômica e política de arrocho salarial

1988

Atual Constituição Brasileira é promulgada

1977

Criação da Secretaria Municipal de Habitação de São Paulo

1984

Nascimento da UNAS (União de Núcleos, Associações de Moradores de Heliópolis e Região)

1987

Heliópolis é transferida para a COHAB

1990

Plano de Ação Imediata para a Habitação (PAIH)

2003

Ministério das Cidades

2004

Política Nacional de Habitação

2009

Política Minha Casa Minha Vida começa em São Paulo

2001

Estatuto das Cidades

*“Para todos os efeitos, esta Lei, denominada Estatuto da Cidade, estabelece normas de ordem pública e interesse social que regulam o uso da propriedade urbana em prol do bem coletivo, da segurança e do bem-estar dos cidadãos, bem como do equilíbrio ambiental”*

2005

Programa Municipal de Urbanização das Favelas

2014

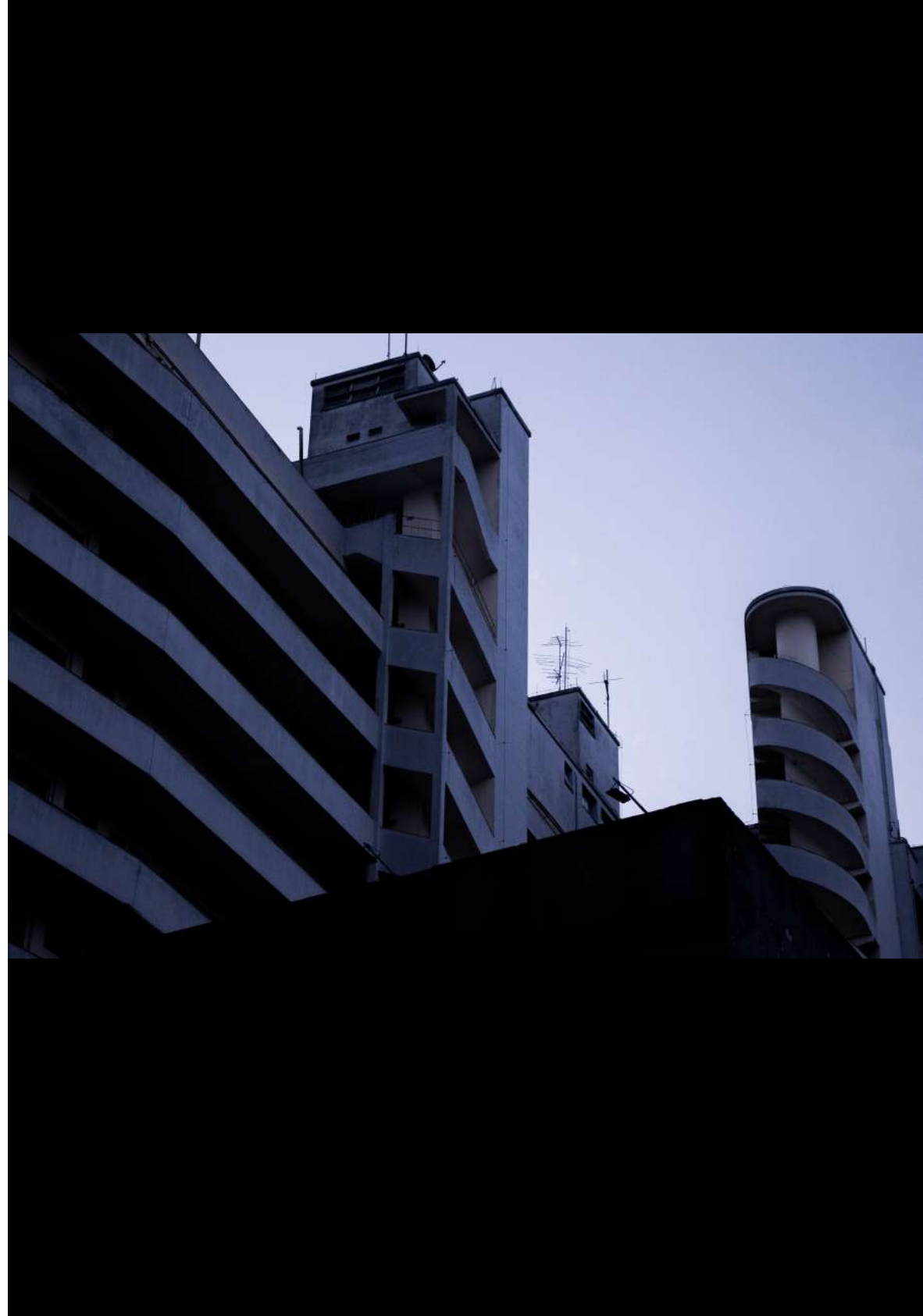
Criação do Novo Plano Diretor Estratégico

**ANCHIETA**  
1941 SP

**Conjunto Habitacional Prefeito  
Mendes de Moraes**

MMM Roberto

80 unidades habitacionais









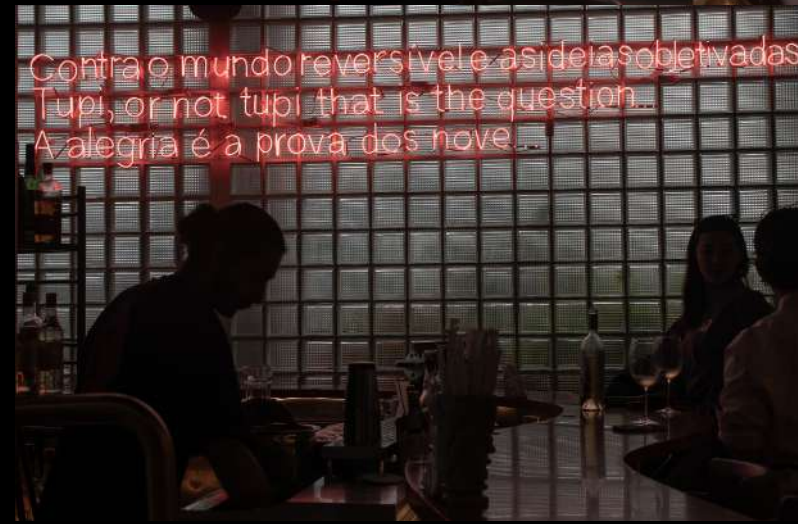
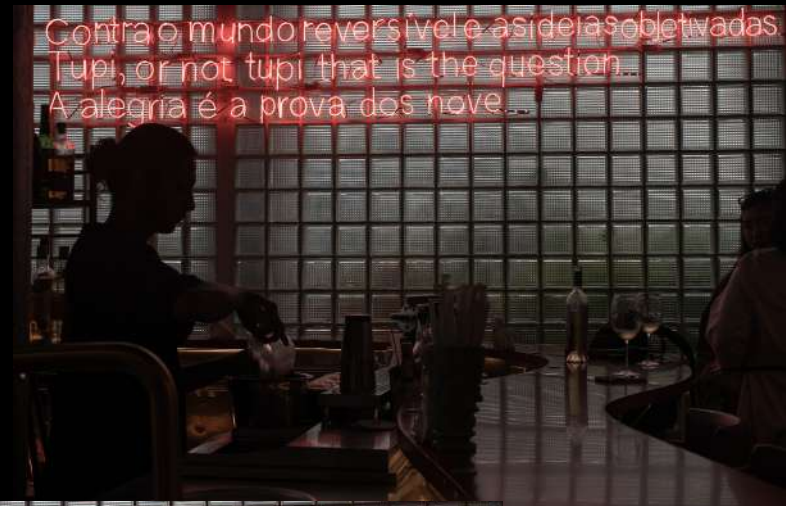
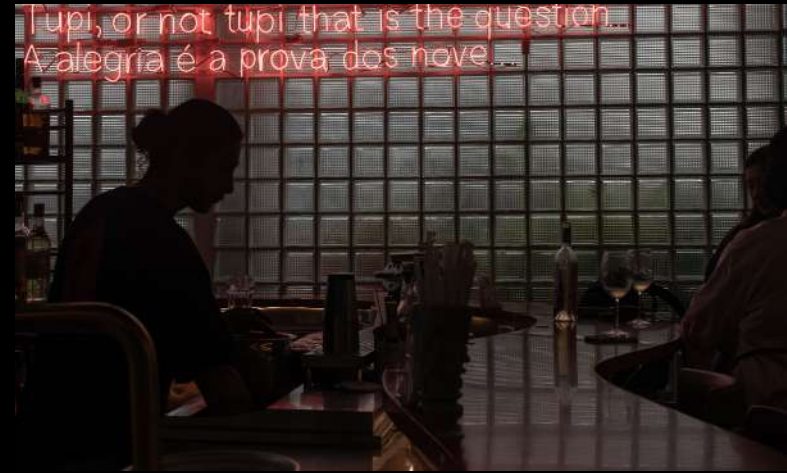








# Riviera Bar









Contra O mundo

reversible!

e as ideias

objetivadas

Tupis

or not

tupis

that is the

question

A é a prova

alegria

dos

novos









Contra o mundo reversível e as ideias obletivadas.  
Tupi, or not tupi that is the question...  
A alegria é a prova das nove...

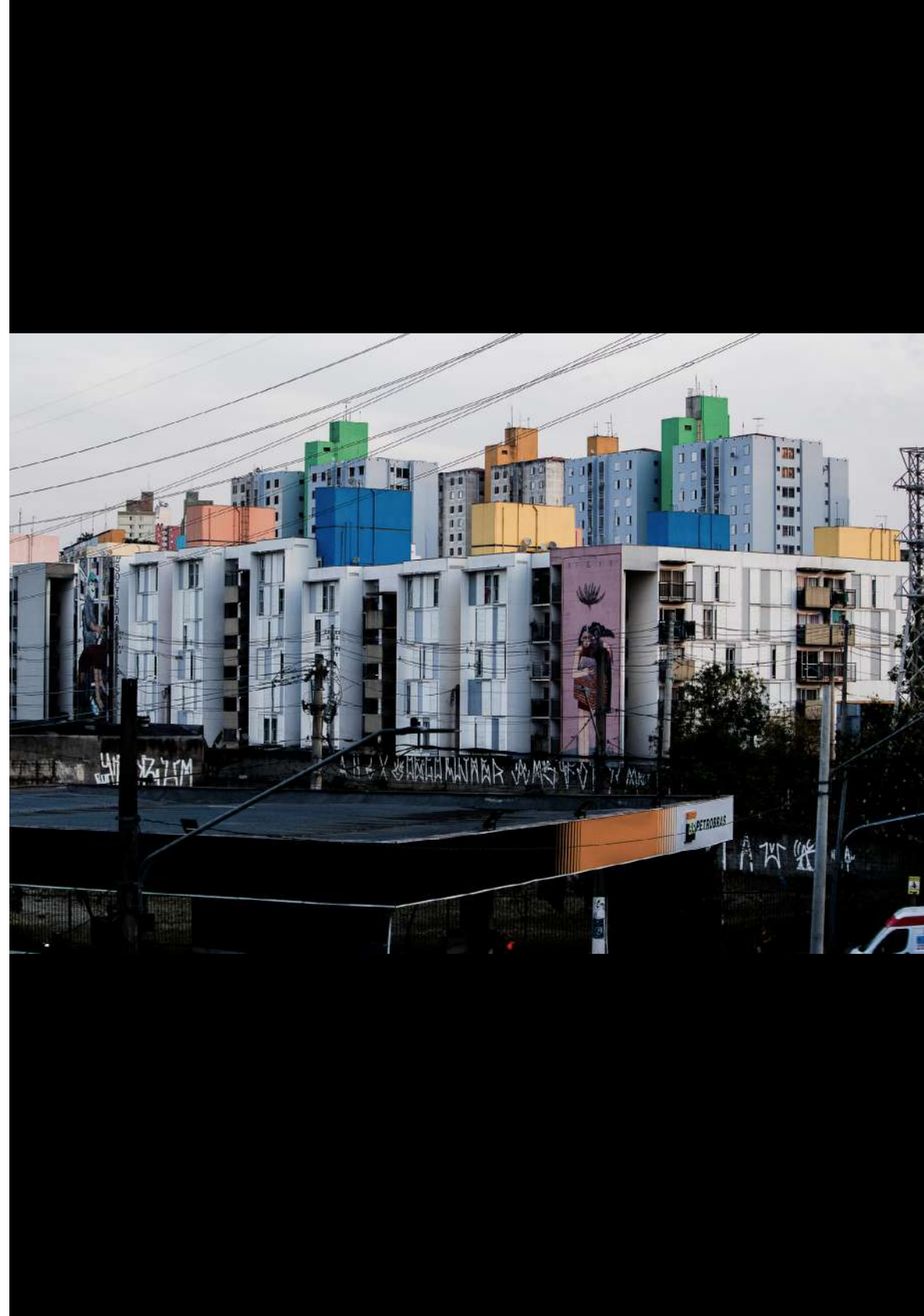


**GLEBA G**  
2011 SP

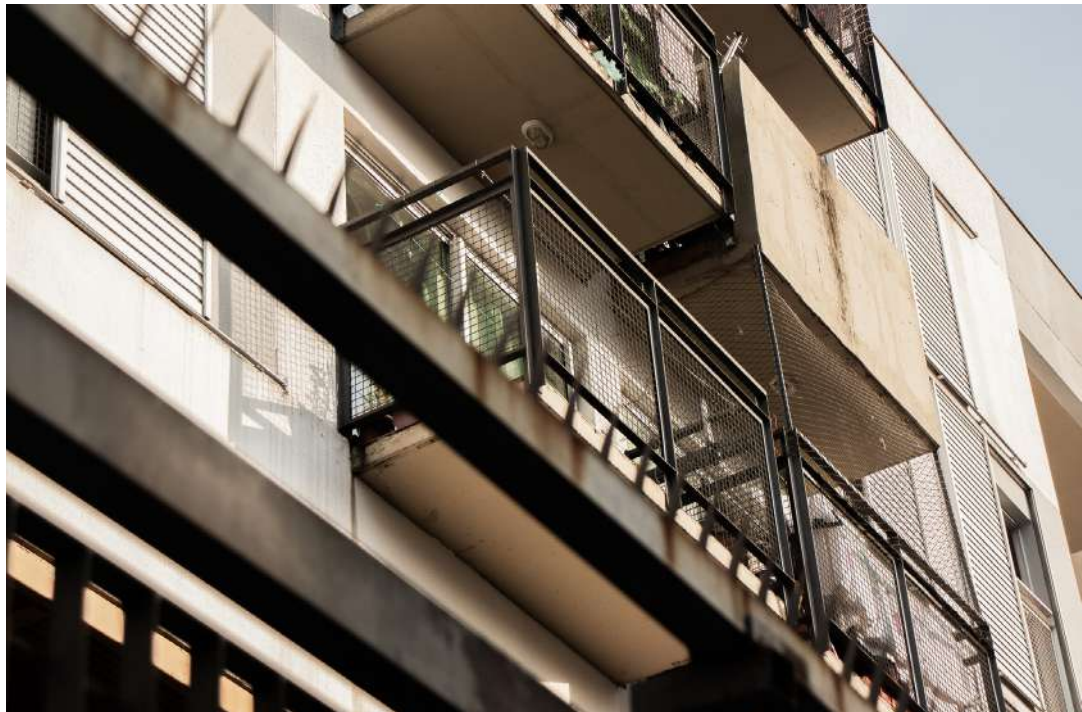
**Conjunto Habitacional Heliópolis Gleba G**

Biselli Katchborian Arquitetos Associados

420 unidades habitacionais

















# REDONDINHOS

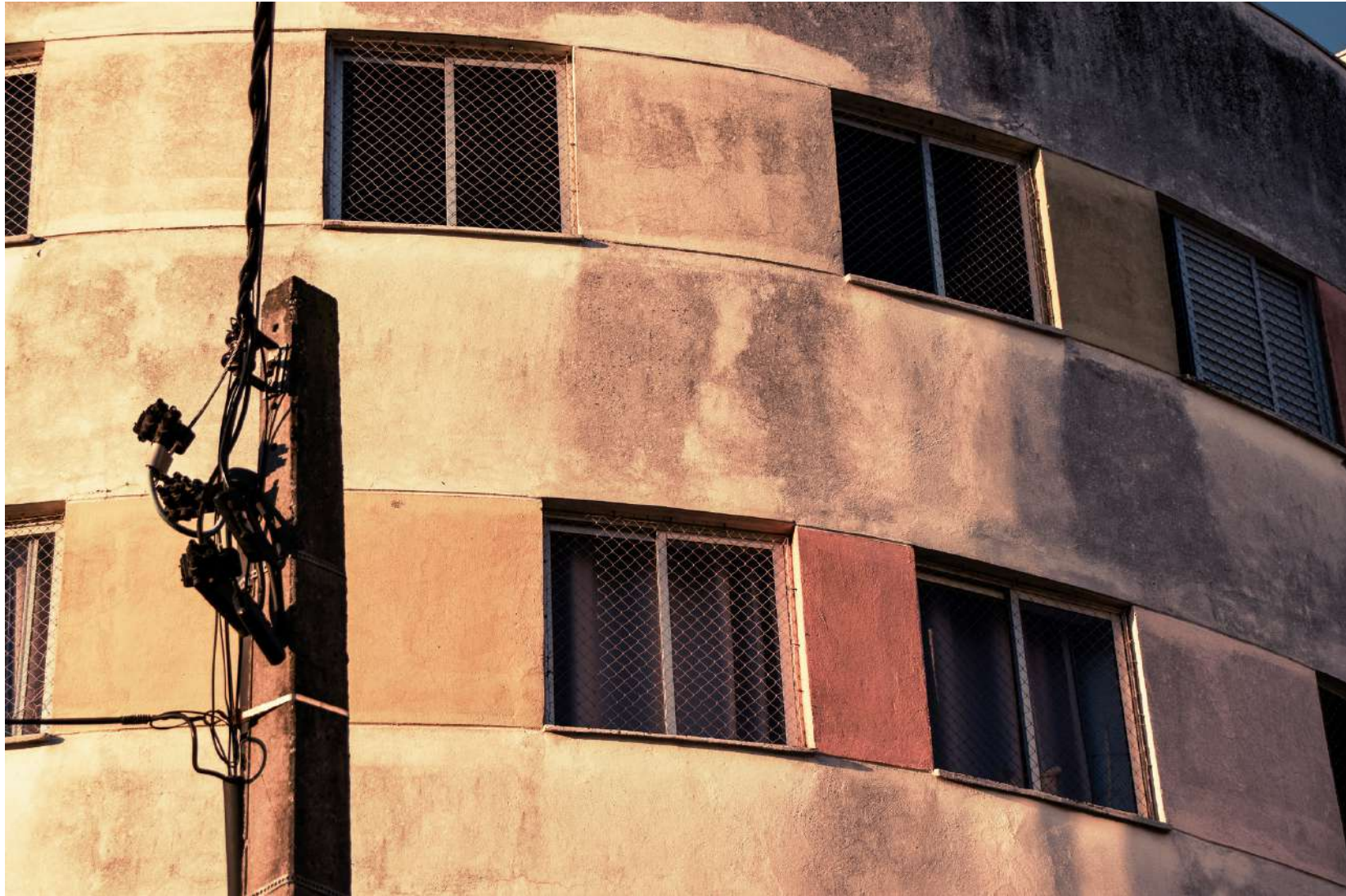
2009 SP

Conjunto Habitacional Residencial Heliópolis

Ruy Ohtake

342 unidades habitacionais

















# PEDREGULHO

1947 RJ

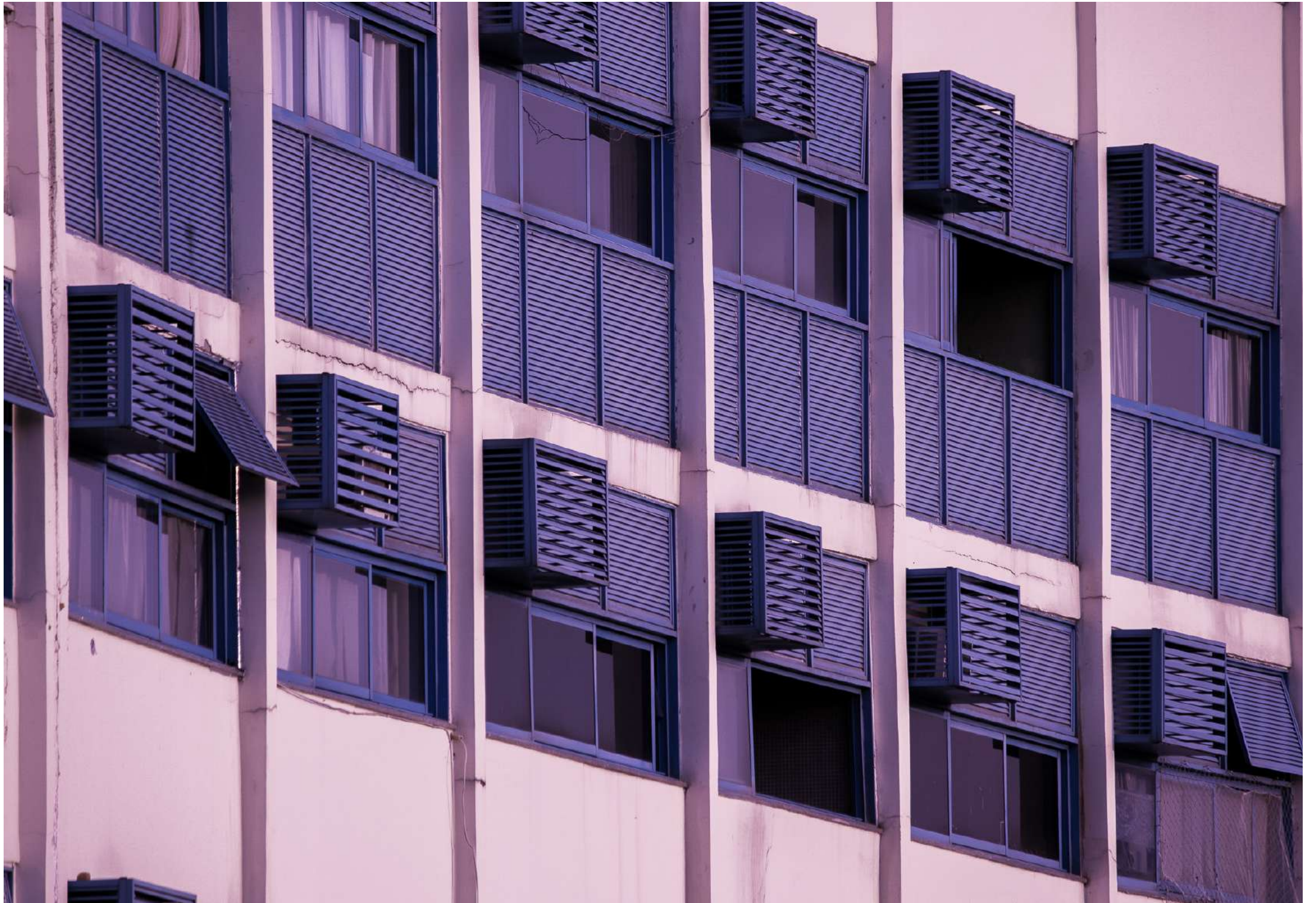
**Conjunto Habitacional Prefeito**

**Mendes de Moraes**

Affonso Eduardo Reidy

273 unidades habitacionais

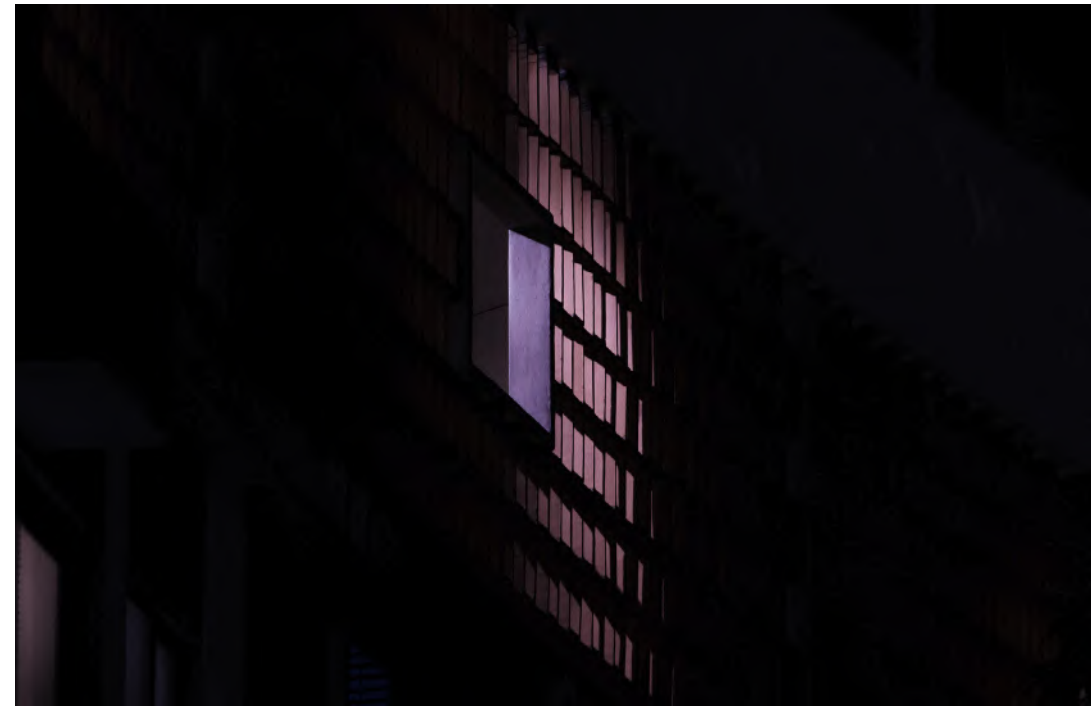






















## Artigo: Moradia e (in)dignidade

Estado de S. Paulo | 16h

**Milton Hatoum, 2011**

Nos anos 70, quando eu estudava na Fau-Usp, um dos poemas mais lidos e comentados por estudantes e professores era “Fábula de um arquiteto”, de João Cabral.

**O arquiteto: o que abre para o homem  
(tudo se sanearia desde casas abertas)  
portas por-onde, jamais portas-contrá;  
por onde, livres: ar luz razão certa.**

Esses versos pareciam nortear a concepção e a organização do espaço, trabalho do arquiteto. A utopia possível de vários estudantes era transformar habitações precárias (eufemismo para favelas) em moradias dignas. O exemplo mais famoso e visitado naquele tempo era o Conjunto Habitacional Zezinho Magalhães Prado (Parque Cecap) em Guarulhos. Esse projeto de Vilanova Artigas era um dos poucos exemplos de habitação social decente, mas seus moradores não eram ex-favelados.

De um modo geral, a política de habitação popular no Brasil consiste em construir pequenos e opressivos apartamentos ou casas de baixo padrão tecnológico, sem nenhum senso estético, sem relação orgânica com a cidade, às vezes sem infra-estrutura e longe de áreas comerciais e de serviços públicos. Vários desses conjuntos habitacionais são construídos em áreas ermas, cuja paisagem triste e desoladora lembra antes uma colônia penal que uma moradia. Isso acontece de norte a sul do país. Em São Paulo, os conjuntos denominados Cingapura são verdadeiras aberrações arquitetônicas, que subtraem do ser humano toda dignidade relacionada com a cidadania. É como se uma família pobre saísse de uma favela e ocupasse uma espécie de abrigo, e não um lugar para morar.

Mas há mudanças e avanços significativos na concepção de projetos de habitação social, infra-estrutura, lazer e paisagismo, projetos que, afinal, dizem respeito à democracia e ao fim da exclusão social. Um desses avanços é o trabalho da Usina. Fundada em 1990 por um grupo de profissionais paulistas, a Usina tem feito projetos de arquitetura e planos urbanísticos criteriosos e notáveis, que contam com a participação dos moradores de bairros e comunidades pobres. Trata-se de uma experiência de autogestão na construção, cujos projetos, soluções técnicas e o próprio processo construtivo são discutidos coletivamente, envolvendo os futuros moradores e uma equipe de arquitetos, engenheiros e outros profissionais. Lembro que essa experiência era um dos temas debatidos na FAU na década de 70, quando líamos textos de Sérgio Ferro e assistíamos com interesse às aulas de grandes professores como Flávio Motta, Rodrigo Lefrève, Flávio Império e Luis Carlos Daher e Renina Katz, entre outros. Nessa década brutalizada pela ditadura, a prática dos estudantes no canteiro de obras era uma aprendizagem incipiente e quase utópica, mas se tornou realidade em 1998, quando foi criado o “canteiro escola”, a que o professor e arquiteto Reginaldo Ronconi acrescentou a proposta do “canteiro experimental”, uma disciplina que faz parte da grade curricular da Fau-Usp. De algum modo, o trabalho coletivo da Usina relaciona-se com a prática do canteiro experimental, que, segundo Mônica Camargo, “é uma experiência pedagógica transformadora, que permite a compreensão das relações complexas entre teoria e prática, desenho e canteiro, técnica e estética”.

Em graus variados, são essas relações entre arquitetura e sociedade que norteiam a visão e a prática de alguns profissionais que lidam com habitação social no Brasil. A arquitetura é um processo, e não um mero desenho, como diz João Filgueiras (o Lelé), sem dúvida um dos arquitetos mais talentosos e inventivos do país. Além do trabalho coletivo da Usina, há outros projetos arquitetônicos e urbanísticos relevantes, que apontam para soluções inventivas.

Acompanhei jornalistas do Estadão em visitas a conjuntos habitacionais em Heliópolis e à represa Billings, onde está sendo implantado o “Programa Mananciais”. Em Heliópolis, Ruy Ohtake projetou edifícios em forma cilíndrica, daí o apelido de “redondinhos”. A planta dos apartamentos de 50 m<sup>2</sup> é bem resolvida, os materiais de construção e o acabamento são apropriados, e todos os ambientes recebem luz natural. Na fachada circular, painéis com cores fortes dão vida ao edi-

fício. Esse projeto de Ohtake, e o de Hector Vigliecca (ainda em fase de construção) revelam um avanço notável na concepção da moradia para as camadas mais populares. Mostram também que é possível e desejável enterrar de vez os vergonhosos projetos Cingapura e Cohab dos anos 80 e 90.

Um dos projetos do “Programa Mananciais” é uma ousada e bem-sucedida intervenção urbana (infra-estrutura, paisagismo e lazer) numa das áreas mais pobres e também mais belas da metrópole. Situado às margens da Represa Billings, o Parque Linear (que inclui o Residencial dos Lagos e o Jardim Gaivotas) é, em última instância, um projeto de cidadania que contempla milhares de famílias dessa área densamente povoada da Zona Sul. Não por acaso esse projeto da equipe do arquiteto Marcos Boldarini recebeu vários prêmios no Brasil e no exterior. Além do enorme alcance social, o projeto foi pensado para preservar a Billings e suas espécies nativas. Penso que a realização dessa obra de engenharia e arquitetura é um dos marcos do urbanismo brasileiro. Sem ser monumental, o Parque Linear é uma obra grandiosa e extremamente necessária, concebida com uma sensibilidade estética e funcional que dá dignidade a brasileiros que sempre foram desprezados pelo poder público. É também um exemplo de como os governos federal, estadual e municipal podem atuar em conjunto, deixando de lado as disputas e mesquinhasias político-partidárias.

Além de ter arquitetos e engenheiros competentes, o Brasil possui também recursos para financiar projetos de habitação popular em larga escala, como prova o programa “Minha casa, minha vida”. Mas é preciso aliar a vontade política a uma concepção de moradia que privilegie a própria vida dos moradores e sua relação profunda com o meio ambiente e o espaço urbano. Já é tempo de acabar com edifícios-pombais e casas-cubículos, que mais parecem abrigos asfixiantes, construídos com materiais de quinta categoria e péssimo acabamento.

“Construir, não comoilhar e prender”, diz um verso de João Cabral. A sociedade e o Estado brasileiro podem e devem reparar essa injustiça histórica e dar a milhões de brasileiros pobres uma moradia humana, e não um abrigo ou teto. Porque morar é muito mais do que sobreviver em estado precário e provisório.

# A relação entre gramática e patrimônio

A arquitetura brasileira do século XX, de maneira geral, foi profundamente impactada pelo movimento modernista, especificamente pelas escolas paulista e carioca.

No entanto a valorização e a inserção de pessoas no espaço vai além da preservação da gramática de cada arquiteto ou escritório responsável pelo projeto, pois deve seguir na linha de suprir as necessidades das pessoas que ocuparão aqueles espaços. Em linhas gerais, para que um projeto faça sentido com o meio urbano ao seu redor, ser esteticamente agradável não é suficiente e, como referenciado por Milton Hatoum, “morar é muito mais do que sobreviver em estado precário e provisório”.

Os conjuntos Gleba G e Redondinhos tiveram intesa participação da comunidade no decorrer do desenvolvimento do projeto, contribuindo para sua sofisticação e melhor adequação ao espaço urbano. Tal esforço também evita a ocorrência de verdadeiros elefantes brancos, como é o caso do Edifício Anchieta, que sofreu intensas alterações de seu projeto original, descaracterizando bastante sua interatividade com o meio urbano.

O projeto localizado na Avenida Paulista já surgiu contraditório, por ser uma habitação de interesse popular com pouquíssimas unidades (80), além de ter como público alvo funcionários de alto escalão do setor industrial paulista. Já foi possível que qualquer pedestre pudesse subir no terraço do prédio. E, além disso, o térreo do edifício continha comércios e uma marquise na qual pedestres podiam transitar livremente.

Atualmente, todas essas características se perderam. Ao longo dos meses de pesquisa, em mais de cinco visitas presenciais ao edifício não foi possível estabelecer contato direto com nenhum morador. E, ainda, o contato com a administração e zeladoria do prédio foi bastante dificultado.

O condomínio vive um contexto de reclusão quase que completo, em que há poucas pessoas dispostas a contar a sua his-

A falta de identificação dos moradores com edifícios como o Anchieta e os Cingapura favorece um vazio identitário que, juntamente com dificuldades e atrasos decorrentes da descontinuidade de gestões, termina em um esvaziamento de sentido do projeto original.

**MERCADO DE IMOVEIS**

**RUMO CERTO!**

**HIGIENOPOLIS**

*Edifício*  
**ANCHIETA**

EM CONDOMÍNIO

**Com apenas Cr\$ 7.500,00**

V. S. terá seguido o RUMO CERTO reservando para sua família seu magnífico APARTAMENTO!

A PREDIAL DE LUCCA S. A., em continuação ao seu programa de bem servir o público em geral, iniciou a venda em condomínio, do majestoso Edifício "Anchieta", situado no bairro de Higienópolis, na Rua Aureliano Coutinho n.º 18, esquina da Rua Canuto do Val, a 15 metros da Rua Martin Francisco.

Os apartamentos serão entregues aos compradores até 31 de Dezembro de 1954.

Edifício de face norte, com 10 pavimentos, 3 lojas e 34 confortáveis apartamentos, servidos por 2 modernos elevadores.

PRIVILEGIO: Dentro em breve terá o privilégio V. S. residir no EDIFÍCIO "ANCHIETA", tal como já sucede aos moradores dos Edifícios S. Lucas (entregue) e Moisés Sarmento em final de construção. O Edifício "ANCHIETA" está MAGNIFICAMENTE LOCALIZADO em zona estritamente residencial.

Mapa de localização: RUA CANUTO DO VAL, RUA MARTIN FRANCISCO, RUA AURELIANO COUTINHO, RUA DOS PALANQUETOS, RUA DOS ALBARRANES, RUA DOS ABRANINHOS, RUA DOS ALBARRANES, RUA DOS ALBARRANES, RUA DOS ALBARRANES.

# Ficha técnica

**Título** Mundano

**Fotografia** Beatriz Gimenes Sardinha

**Execução, edição e diagramação** Beatriz Gimenes Sardinha

**Tipologia** Nexus Typewriter Pro e IBM Flex Serif

**Coordenação editorial** Wágner Souza e Silva

Trabalho de Conclusão de Curso da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo.

Brasil, 2024